

A Experiência educacional anarquista

Claudia Soares de Azevedo¹

" Quem vai a uma barricada precisa levar, além de uma espingarda na mão uma idéia no cérebro "

" Toda a revolução tem de ser precedida forçosamente por uma longa elaboração intelectual. Antes de ser ação há de ser escola, seita, filosofia. Antes de ser espada que combate e de martelo que derroca há de ser pena que discute e livro que evangelize. " (Latino Coelho)

As frases acima, retiradas do panfleto "Na Barricada"², sintetizam a importância da educação no projeto libertário. A revolução social teria que iniciar com a revolução pedagógica. Ao desenvolver uma pesquisa sobre a cultura anarquista destaco como um de seus aspectos a ênfase dada pelos divulgadores do anarquismo à educação e instrução do povo. Imbuídos de uma concepção iluminista e racionalista, os libertários desenvolveram um projeto educacional que visava a retirar o homem do obscurantismo que impedia a sua emancipação. De acordo com a concepção anarquista, a transformação na sociedade era iniciada com a transformação do próprio homem, daí a importância de se desenvolver uma pedagogia cujo princípio fundamental era a liberdade. Neste sentido, a educação libertária compartilhava das lições de Rousseau, ao partir da concepção de que o homem é por natureza bom e livre. A educação tinha um só objetivo: formar um homem livre, afastando-o das superstições e dos preconceitos. As lições de Rousseau foram acompanhadas de críticas à sociedade da época: à desigualdade social, à Igreja e ao Governo, temas comuns ao repertório libertário, como pode ser exemplificado nesta lição de Rousseau:

" Saiba ele que o homem é naturalmente bom, sintá-o, julgue seu próximo por si mesmo; mas veja ele como a sociedade deprava e perverte os homens; descubra nos preconceitos a fonte de todos os vícios dos homens(...)"³

Muitos foram os pensadores anarquistas que trataram do tema da educação. William Godwin sustentava, como David Hume, que os homens são sugestionáveis pelas experiências vindas do meio externo, estando vulneráveis a todas as formas de pressão intelectual e moral, daí resultando a sua fraqueza e a sua força. Fraqueza porque dá aos governos o poder quase ilimitado de controle dos homens pela propaganda e pela educação. Força porque num sistema educacional que inculque idéias verdadeiras, o homem pode aprender o convívio pacífico com os seus semelhantes, numa sociedade em que a força tornou-se desnecessária e o bem de cada um é a felicidade de todos. Conforme Godwin, sendo o homem submisso à razão e à discussão, todos os males se extinguiriam pelo esclarecimento e pela compreensão de suas causas.⁴

Ao compreender a educação como modeladora da consciência dos homens, Godwin escreveu em 1793, " Os males do ensino nacional"⁵, onde afirma que *"no momento em que qualquer forma de conduta ganha um caráter oficial, ela adquire uma característica que lhe é peculiar, a aversão a qualquer tipo de mudança."*⁶ O debate de idéias, a constante indagação seriam características do crescimento intelectual do homem, um sistema filosófico ou uma doutrina política ao se tornar oficial perde a sua função de instigar a busca de novos conhecimentos. Quando as escolas públicas assumem a tarefa da transmissão de conhecimento, emperram o seu progresso e tendem à conservação de preconceitos e idéias obsoletas. O ensino a cargo de instituições públicas conduziria à apatia dos alunos e à morte intelectual do homem, *"pois o instante em que desiste de indagar é o instante em que morre intelectualmente"*.⁷ Segundo Godwin, a associação entre educação e governo são mais nefastas do que a associação entre Igreja e Estado, porque *"certamente que o governo não deixará de usá-la para reforçar sua própria imagem e suas instituições"*.⁸ Neste ponto, o autor ante-

cipa as características da educação oficial que se tornaria elemento político fundamental na construção do Estado-nação na Europa do século passado.

William Godwin compartilhava do ideário anarquista na defesa da educação como um ato voluntário e de liberdade. A independência da ação fortaleceria a capacidade de julgamento, fazendo com que o homem desperte a vontade de aprender, a sua melhor motivação é a percepção do valor de um determinado conhecimento.

Em fins do século passado o anarquismo vai adquirir a característica de uma filosofia social, especialmente a partir dos escritos dos membros da Federação Jurassiana: Elisée Reclus, Peter Kropotkin e Carlo Cafiero, que se intitulavam comunistas libertários. Nestes anos as palavras anarquia e anarquismo foram positivadas a partir da sistematização da doutrina e dos métodos de ação, tendo por base as concepções filosóficas e científicas da época e representando uma contraposição à teoria marxista da revolução proletária. Por outro lado, as concepções evolucionistas de Darwin e Spencer ganharam destaque no pensamento de Kropotkin e Reclus. Neles, a revolução tinha como condição prévia a evolução. Conforme Reclus:

"(...) evolucionistas em tudo, igualmente em tudo somos revolucionários, sabendo que a própria história não é senão a série de execuções, sucedendo à das preparações. A grande revolução intelectual que emancipa os espíritos, tem como consequência lógica a emancipação efetiva dos indivíduos em todas as suas relações com outros indivíduos".⁹

Para o geógrafo Elisée Reclus, antes de fazer a revolução era necessário romper com a ignorância, dotando os homens da ciência e do saber necessário para seu aperfeiçoamento individual.

Kropotkin foi quem mais contribuiu para a formulação de um "anarquismo científico". Sendo também um leitor atento das

teorias evolucionistas que circulavam nos meios esclarecidos europeus, via em Hebert Spencer o mais fiel representante da filosofia evolucionista. Para ele, os métodos científicos da sociologia ratificariam os argumentos da teoria anarquista. Contudo, existiria uma diferença entre os filósofos evolucionistas e os teóricos do anarquismo: a atenção ao estado mental das massas.

Ao observar a paisagem de uma cidade civilizada, Londres, em 1887, Kropotkin escreveu: *"A ciência, com suas maravilhosas descobertas, proporciona ao homem os meios precisos que o habilitam a usar as energias que a natureza lhe oferece para a satisfação das várias necessidades"*, nestas cidades *"vastos tesouros de ciência e arte se acumulam em pouco tempo nesses novos centros de civilização e atividade"*.¹⁰ Entretanto, na sociedade capitalista o progresso não atingia a todas as classes, os trabalhadores estariam excluídos dos seus benefícios, pois *"A educação constitui o privilégio de uma minoria"*. Para Kropotkin, as conseqüências morais da injusta distribuição das riquezas sob o caráter seriam deploráveis. Por outro lado, escreve *"podemos afirmar que nenhum homem inteligente que se tenha dado ao trabalho de estudar de perto a vida e a situação do operário deixará de se espantar como é possível trabalhar com gosto e desvelo em condições tão abomináveis"*.

Em Kropotkin o trabalho é a regra das sociedades civilizadas, a preguiça uma planta exótica. Os atos anti-sociais podiam ser facilmente erradicados por uma educação sã e uma instrução sólida, também pela aplicação de medidas profiláticas de acordo com os princípios de uma higiene mental e moral. Neste sentido, Kropotkin propõe uma teoria da moral social, uma ética científica, que preconizava a adaptação do homem à vida em sociedade. Esta moral brotaria dos naturais sentimentos dos homens com a criação do comunismo anarquista.

A sistematização realizada por Kropotkin permitiu a sua divulgação entre intelectuais, artistas e literatos, adquirindo respeitabilidade. A construção teórica do anarquismo, identificada com as palavras-chaves evolução, indivíduo, liberdade, razão, ciência, civilização, é retirada do repertório cultural da sociedade europeia da segunda metade do século XIX. É com estas características que tais idéias "imigram" para terras brasileiras, onde seriam

adotadas principalmente por homens letrados, politicamente decepcionados e ávidos pelas novidades culturais européias. Estes homens seriam os divulgadores do anarquismo no Brasil e os primeiros militantes junto à classe trabalhadora.

II

Denomino cultura anarquista a articulação entre a concepção teórica e a prática política. Espaço privilegiado para a interpretação do anarquismo (seus limites e contradições). É partir desta articulação que se caracteriza a atuação libertária, especialmente enquanto organizadora das reivindicações dos trabalhadores. A cultura anarquista tem como um de seus elementos de mediação o projeto educacional, no sentido de que ele inter-relaciona a teoria e a práxis no projeto político anarquista.

Neste sentido, formulei a seguinte hipótese de trabalho: na prática anarquista podemos identificar estratégias de disciplinarização da classe trabalhadora por intermédio das práticas pedagógicas: criação de escolas, organização de conferências, criação dos centros de estudos sociais. Todas essas práticas assumem o aspecto de uma "missão civilizatória". Nesta, identifique o exercício do poder disciplinador, que condena os costumes populares, e a construção do sentido da luta política dos trabalhadores: a sua libertação econômica e principalmente intelectual.

Além da crítica à educação "burguesa", cujo objetivo era reproduzir a sociedade de classes, os anarquistas propunham educar os trabalhadores fundando escolas. Para tanto adotaram o método educacional que já era desenvolvido pelos libertários na Europa: a educação racionalista proposta por Francisco Ferrer na Escola Moderna de Barcelona. Racionalista e anticlerical, Ferrer tinha por objetivo extirpar da mente humana os preconceitos e dogmas religiosos, daí a necessidade de um ensino racional, baseado na ciência, revelar as vantagens do conhecimento científico a fim de mostrar que os homens deveriam guiar-se pela sua razão e pela solidariedade livremente organizada e aceita. As concepções de Ferrer levaram-o a ser fuzilado em 1909. Conforme Ferrer, o objetivo da Escola Moderna era:

"combater quantos preconceitos dificultem a emancipação total do indivíduo e para isso adopta o racionalismo humanitário que consiste em inculcar à infância o afan de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que com seu conhecimento possa logo combatel-as e oppôr-se a ellas".¹¹

No Brasil, estas concepções educacionais foram muito divulgadas pelos militantes anarquistas, que procuraram colocá-las em prática. Na cidade do Rio de Janeiro foram criadas escolas libertárias, como a Escola Operária 1º de Maio, fundada em 1908, em Vila Isabel, que promoveu um festival lítero-cultural, seguido de uma conferência de José Oiticica sobre "A missão da Escola Racionalista". Quando da morte de Francisco Ferrer realizaram-se manifestações públicas de repúdio, assim como foram formadas comissões pró-Escola Moderna, com uma série de conferências, como a que se realizou na sede da Liga Anti-clerical, em 1910.

Todavia, o maior projeto educacional anarquista foi a Universidade Popular, formalmente inaugurada no Rio de Janeiro em 1904 com a conferência do médico e militante anarquista Fábio Luz. A Universidade contava com o apoio de muitos intelectuais como José Veríssimo, Silvio Romero, Felisberto Freire, Eliseu Visconti, Fábio Luz, Vicente de Souza, Rocha Pombo, Pereira da Silva entre outros. Entre os cursos temos: História Natural, História das Civilizações, Psicologia, Filosofia, Higiene, Geografia, História da Literatura, Sociologia, Artes, Aritméticas, Curso Prático de Línguas, etc.

Através dessas iniciativas fica claro que a elevação intelectual dos trabalhadores, através do conhecimento científico, fazia parte do projeto cultural anarquista - a organização e a mobilização tinham que começar por esse caminho. Os anarquistas queriam o ser humano educado, instruído, culto, amigo da razão e da verdade, com capacidade de se autogovernar.

Para os libertários, o analfabetismo e a ignorância eram o maior problema a ser enfrentado, pois dificultava a organização,

inclusive porque a divulgação das idéias se fazia majoritariamente de forma escrita, através de jornais. Outra forma de divulgação eram as conferências e a encenação teatral que se realizavam quando das festas operárias. Estas aconteciam nas sedes das associações de classe. É o caso por exemplo do "Centro dos Sindicatos Operários", onde se realizou uma festa mensal no sábado, 22 de agosto de 1908, às 8 horas da noite, com o seguinte programa dividido em três partes: Conferência sobre o tema "A Educação Popular", apresentação pelo grupo de Teatro Livre da peça em três atos de Mota Assunção "O Exemplo" e por fim, Baile Familiar.

A leitura dos jornais operários nos oferece exemplos da preocupação educacional de nossos militantes sindicais libertários, onde podem ser identificadas as idéias-chaves da sua concepção de educação. A secção "Bibliografia" do jornal "A Voz do Trabalhador"¹² divulgava panfletos libertários: "O Comunismo Anárquico" de Kropotkin, "La Scuola Laica" de Francisco Ferrer, "Evolução, Revolução e Ideal Anarquista" de Elisée Reclus, "As Doutrinas Anarquistas" P. Eltzabacher, "Pela Educação e pelo Trabalho" de Adelino de Pinho, "Bases do Sindicalismo" de Emílio Pâuget, "A Mãe" de Máximo Gorki, "A Peste Religiosa" de J. Most.; o que demonstra que nossos militantes libertários conheciam uma extensa literatura doutrinária e procuravam divulgá-la entre os operários.

Nas páginas dos jornais, textos sobre o problema educacional sempre foram constantes. É o caso do artigo publicado no jornal "Liberdade"¹³ com o título "Sobre a educação integral" de Deolinda Lopes Vieira, retirado da Revista de Lisboa, Amanhã. Neste artigo, a autora afirma que o tema não interessa apenas aos professores e professoras, mas merece a atenção de todos. Porque:

"(...) neste imenso oceano de maldade e hipocrisia, de violências e de injustiças, de devassidão e de crimes em que a humanidade pouca a pouco, se vai submerjindo e forçosamente se debate, a educação da infância seria sem dúvida, a sua única taboa de salvação".

O método de educação integral seria o substituto do "dogmático e obscuro" método de ensino atual, porque é "um método simples, racional e essencialmente científico". A questão fundamental de todo o ensino perfeito passava a ser "formar homens livres e independentes". A preocupação com o edifício escolar também aparece, devendo este "atender cuidadosamente as condições hijienicas". A educação literária e científica deveria ser complementada com a educação moral da criança, a educação comum a ambos os sexos, a coeducação, apresenta vantagens no aperfeiçoamento do caráter. Tal proposta educacional permitiria o aparecimento, segundo a autora, de uma nova humanidade capaz de suceder a "esta humanidade de raquíticos, de ignorantes, de egoístas, de seres sem dignidade e sem energia"

A educação integral, defendida especialmente por Paul Robin, propunha uma educação que respeitasse a capacidade de observação e a iniciativa das crianças. A educação integral: física, orgânica, intelectual e moral, permitiria o desenvolvimento paralelo e harmonioso de todas as faculdades humanas. José Oiticica, um dos maiores expoentes do anarquismo no Brasil, em textos como "Catecismo Anarquista"¹⁴ e "O Comunismo: princípios e fins"¹⁵ apresentou de forma sintética a concepção anarquista do problema social sob o ponto de vista da energética. Oiticica entendia por energia a capacidade de trabalho, a energia humana, que é a capacidade produtiva do homem e revela-se sob as formas: orgânica, intelectual, moral, prática e social. Contudo, na sociedade capitalista a concorrência econômica, o direito de propriedade, a hierarquia social e administrativa apresentam-se como fatores de desperdício de energias e de destruição da espécie humana, impedindo o progresso; isto é, a apropriação crescente de energias indiretamente favoráveis ao homem. A educação integral teria portanto o papel fundamental de possibilitar ao homem o aproveitamento de todas as formas de energia. Como afirmava José Oiticica:

"A educação deve obedecer a seguinte orientação psicológica: até os sete anos em geral, a criança educa as percepções; dos sete aos quatorze as noções; dos quatorze aos vinte e um desenvolve o raciocínio. Deve haver pois três graus: elementar, primário e secundário. A educação profissional (energia de habilidade) acompanhará gradativamente a educação mental. O ensino deve ser integral até os vinte e um anos e garantido a todos. Os indivíduos que revelarem vocações especiais deverão especializar-se em curso superior (medicina, engenharia, pedagogia, ciências puras etc.)" (grifos do autor).¹⁶

A sociedade comunista objetivava desenvolver o máximo possível a capacidade de energia de todos e, por outro lado, buscava extinguir os prazeres prejudiciais e facultar a todos os prazeres espirituais e morais verdadeiramente proveitosos. Assim, como afirmou José Oiticica: "O fim mais alto do comunismo é a elevação da plebe aos sentimentos e gostos aristocráticos, substituindo, assim a democracia atual grosseira por uma aristocracia geral".¹⁷

No jornal "Voz do Povo" durante o mês de fevereiro de 1920 foi publicada uma coluna diária intitulada "Um problema a resolver- Educação e Ensino", artigos sobre a questão educacional, estes se dividem basicamente em três temas a Educação Moderna, Educação Social e Escola Moderna.

No artigo que abre a discussão destaca-se o problema do analfabetismo no Brasil.¹⁸ O flagelo que atingia o país era a causa de sua estagnação e do seu atraso, porque o analfabetismo anulava a dignidade humana e os indivíduos. O país contava com um número reduzido de escolas e de professores. Foi do professorado que partiram as iniciativas no sentido de solucionar o problema. É destacada a educadora Maria Lacerda de Moura (inclusive com a sua fotografia no jornal) em livros como "Em torno da Educação", "Porque vencer o porvir" e especialmente "Renovação", "um livro de confiança entusiástica no futuro". O grande mérito do livro estaria em destacar a questão do feminismo. A

emancipação da mulher passava pela a divulgação da sua instrução, porque *"é necessário que a mulher ocupe o lugar que lhe é reservado, de justiça, entre os homens"*

Nos artigos sobre a Educação Moderna destacavam-se as questões da educação e da instrução na infância. Assim, instruir não seria apenas fazer meninos pródigos, mas dar ao homem, ser consciente e pensante, o material necessário para que pudessem seguir por si próprio a sua inteligência e o seu temperamento. Nestes artigos, educar seria:

*"criar em cada ser uma alma autônoma, dar a cada criatura a inteira responsabilidade das suas acções, a felicidade suprema de procurar na vida o seu lugar e, encontrando-se nelle á vontade, fazer a felicidade própria, concorrendo como ella para para a somma das alegrias e felicidades colectivas que hão de tornar a sociedade mais justa, mais alegre e mais feliz"*¹⁹

Dentro do mesmo tema, os artigos posteriores trataram especificamente dos modernos métodos de educação, sua aplicabilidade em diferentes raças, tradições e costumes. A diferença entre as raças anglo-saxã, latina e germânica impedia a aplicabilidade de um único modelo educacional. Porque *"a individualização das criaturas, como das raças, não é imitação servil de tipos estranhos ao nosso carater, à nossa hereditariedade, às nossas tendências, ao meio ambiente, à nossa própria psicologia"*.²⁰ Podemos perceber que para os libertários, assim como para os seus contemporâneos, a questão das diferenças raciais deveria ser levada em consideração.

O segundo tema discutido no jornal foi a Educação Social. O surgimento de uma nova Escola, organizada em processos de ensino racionais e científicos, orientava no sentido de transformá-la num "laboratório de gente prática", ou seja, a escola deveria treinar a criança para a vida social. Foi discutido como deveria realizar-se a relação entre escola e vida. A solução estaria em dotar a criança dos instrumentos intelectuais e morais necessários

para a superação da sociedade vigente, pautada no *"mercantilismo econômico individualizado"*.

O terceiro tema apresenta-se como a solução do problema educacional: a Escola Moderna. Na edição do dia 15 de fevereiro de 1920, a Voz do Poz transcrevia o prefácio de Anselmo Lorenzo para o livro de Francisco Ferrer, no qual o autor justificava o método racionalista:

"(...)baseado nas leis da evolução biológica a necessidade de novos métodos de educação para que a humanidade possa, no futuro, livre de superstições, religiosas ou políticas, viver a vida a plenos pulmões, tendo como norma o trabalho, como meio a sciência e como tema a liberdade".²¹

No prefácio, a Escola Moderna de Barcelona criada por Ferrer, conforme os métodos da educação racional, correspondia às teorias aceitas da razão, afastada das crenças religiosas e patrióticas. Este método fazia com que *"cada cérebro seja o motor de sua vontade"*, e neste sentido, a Escola Moderna não poderia servir aos interesses do Estado, mas aos da sociedade. Para os anarquistas, a sociedade seria o modo natural da existência da humanidade, pois:

"rege-se por costumes ou por hábitos tradicionaes, mas não por leis escriptas impostas anteriormente; progressa com lentidão, impelida pelo impulso que lhes dão as iniciativas individuais e não pelo pensamento ou pela vontade dos legisladores. As leis a que se submete são leis naturaes, inehentes ao corpo social como aos corpos phisicos, que a sciência descobre mas que o legislador e o governante desconhecem ou contrariam systematicamente".²²

Era essa "instituição racional pura", a Escola Moderna de Barcelona, que deveria servir de modelo para a humanidade. Nela, o ensino passava a ser função eminentemente social, sem subordinar-se ao Estado ou à Igreja, permitindo a humanidade futura participar dos tesouros da sabedoria humana, da ciência e da arte; formando gerações conscientes que elevariam a humanidade, contribuindo para pôr fim aos privilégios. Neste sentido, a iniciativa de Ferrer não interessaria aos poderosos, mas ao proletariado. Porque este:

"hoje é a classe social eminentemente progressiva, porque, vivendo diferentemente da burguesia usurpadora, esmagada pela opressão e pela miséria, tem as suas esperanças no porvir, e são pois principais alentadores dessas esperanças"²³

III

Como já afirmei anteriormente, os adeptos do anarquismo estavam imbuídos de uma missão civilizatória. Esta compreendia uma atuação no sentido da elevação moral e intelectual dos homens, especialmente daqueles que se apresentavam mais debilitados. Ao propor uma nova sociedade, os anarquistas o faziam em nome de toda a humanidade e não exclusivamente da classe trabalhadora. Contudo, esta era considerada a mais propensa a aceitar o projeto anarquista, posto que nela encontravam-se os excluídos da sociedade burguesa e capitalista. Para os anarquistas, a transformação social não passava somente pela transformação econômica. Apesar de considerarem a organização econômica a raiz de todos os males, os libertários entendiam que a transformação tinha que atingir primeiro os próprios homens. Neste sentido, seu discurso dirigia-se a todos os homens de bom senso, especialmente os mais esclarecidos, que deveriam contribuir na concretização do ideal anarquista. Os anarquistas concebiam o operariado como naturalmente bom, mas sem possuir os instrumentos necessários para sua emancipação, uma vez que o trabalhador estava alienado dos progressos da sociedade

civilizada. Ao participarem dos movimentos reivindicatórios do operariado, os militantes do anarquismo buscavam oferecer um ideário que incentivasse as suas mobilizações e preparasse o operário para a criação da sociedade futura.

O que deve ser destacado na análise do anarquismo são os argumentos utilizados na justificativa de seu projeto. São eles: a defesa de valores cientificistas, racionalistas e evolucionistas. A revolução anarquista não era uma ruptura total, mas o último estágio da marcha evolutiva da humanidade. Assim podemos identificar nela dois aspectos: primeiro, é uma revolução econômica, cujo objetivo é abolir a sociedade capitalista, nela os trabalhadores serão os principais atores. Segundo, a revolução social, mais completa, inscreve-se num longo processo evolutivo, na qual toda a humanidade tem papel ativo. A Anarquia é o resultado dessa dupla revolução, que são complementares.

Na história da experiência anarquista a conjugação entre estes dois aspectos foram motivos divergências e debates. É o caso dos militantes do "comunismo anarquista" como Kropotkin e os do "anarco-sindicalismo" como Malatesta, como pode ser observado nas críticas deste último ao "cientificismo" do primeiro. No Brasil, estas duas vertentes conviveram ao mesmo tempo, o que levou a atritos e a dificuldades na organização do movimento anarquista.

Ao olhar atentamente para a prática anarquista no Brasil, percebemos que foi principalmente por sua característica de doutrina cientificamente elaborada que o anarquismo mais encontrou adeptos entre nós. Também o fato de apresentar-se como uma crítica a governo e à política atraiu muitos que estavam decepcionados com os rumos da política brasileira, situação que perduraria até os anos vinte. A entrada nos meios sindicais esbarrou em muitas dificuldades, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, devido às características heterogêneas da mão-de-obra e das características dos grupos profissionais. Daí resultam as oscilações que caracterizaram a presença anarquista nos sindicatos.

A característica do discurso anarquista em sua maioria rebuscado, muitas vezes hermético, dificultava a comunicação com o operariado, como já afirmamos, eminentemente analfabeto.

Entretanto, tentativas foram feitas no sentido de torná-lo mais acessível ao homem comum. Fazem parte dessa estratégia o artigo de Fábio Luz publicado na "Voz do Povo" intitulado "A taboa de gamão"²⁴, onde o autor conta sobre um episódio ocorrido numa "república" de estudantes a qual o autor compara ao próprio regime republicano em sua desordem econômica e administrativa. Após jogar gamão, dois estudantes escutam um barulho provocado pela queda do tabuleiro, o que levou a apagar a vela acesa no outro aposento. Cada um dos estudantes oferece uma versão para o ocorrido: Luiz, ateu e educado na ciência, e Pedro, católico fervoroso, educado numa família de mulheres "carolas", apresentam duas explicações distintas para o fenômeno ocorrido. Para Pedro a explicação está no sobrenatural, "a casa estava mal assombrada", enquanto para Luiz era apenas um acontecimento trivial facilmente explicável, a queda do tabuleiro provocou o apagar da vela. O autor destaca que só o pensamento afastado das superstições advindas da religião é capaz de produzir a veracidade dos fatos. Também isso ocorre nos fatos da vida cotidiana, daí a importância de uma educação conduzida pelos princípios racionais.

Com base nestas considerações e no fato de que os anarquistas, prisioneiros de um pensamento cientificista e racional, tornaram-se moralistas, ascéticos e críticos das tradições e costumes populares, como o carnaval e, de práticas como o alcoolismo ou o tabagismo, tornaram-se disciplinadores das massas operárias. Na análise do seu projeto pedagógico estas características tornam-se mais evidentes. Entretanto, os anarquistas tiveram papel fundamental na construção de um sentido classista às reivindicações dos trabalhadores, especialmente ao tentar articular sua doutrina aos temas do cotidiano do homem comum. É neste aspecto que o anarquismo pode ser interpretado como cultura anarquista.

Notas

- 1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social do IFCS/UFRJ.
- 2 Na Barricada. RJ, I, 15 mar. 1915.

- 3 ROUSSEAU, Jean-Jacques Emílio ou Da Educação. SP, Martins Fontes, 1995.
- 4 JOLL, James Anarquistas e Anarquismo. Lisboa, Dom Quixote, 1977.
- 5 WOODCOCK, G. Os Grandes Escritos Anarquistas. SP, LPM, 4ª ed., 1990
- 6 Idem, p. 246.
- 7 Idem, p. 247.
- 8 Idem, p. 249.
- 9 RECLUS, Elisée Evolução, revolução e ideal anarquista citado por LUIZETTO, Flávio Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional - 1900-1920. Tese de doutorado/USP (mimeo)
- 10 KROPOTKIN, P. O Anarquismo. SP, Unitas, 1933.
- 11 FERRER Y GUARDIA, Francisco In Homenagem a Francisco Ferrer: Racionalismo Humanitário. Boletim da Escola Moderna. SP, Anno I, nº 1, 13-10-1918.
- 12 A VOZ DO TRABALHADOR. RJ, 1908.
- 13 LIBERDADE. I, 1, RJ, ago, 1909
- 14 A VIDA. RJ, 1915
- 15 A AURORA. I, 2, Petrópolis, 28 ago. 1919
- 16 Idem
- 17 Idem
- 18 VOZ DO POVO. RJ, 6 fev. 1920.
- 19 VOZ DO POVO. RJ, 7 fev. 1920.
- 20 VOZ DO POVO, RJ, 10 fev. 1920.
- 21 VOZ DO POVO, RJ, 15 fev. 1920.
- 22 VOZ DO POVO. RJ, 15 fev. 1920.
- 23 VOZ DO POVO. RJ, 16 fev. 1920.
- 24 VOZ DO POVO. RJ, 22 fev. 1920